

OS (DES)LIMITES DA PALAVRA: DA LITERATURA ÀS ARTES VISUAIS, UMA VIAGEM DE IDA E VOLTA

SOUZA, Bianca Ziegler de¹; SACCO, Helene Gomes²

¹Acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Visuais - CA/UFPEL – clarissidades@gmail.com

²Professora do curso de Licenciatura em Artes Visuais- CA/UFPEL – helenesacco@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A partir da análise do processo de produção de dois trabalhos em artes visuais, realizados entre os anos de 2012 e 2013, procuro entender de que forma se comportam as relações entre o campo da literatura e o campo das artes visuais em minha produção artística, através da tentativa de transformar textos de característica literária, meus e de outros autores em trabalhos nas categorias: desenho sobre fotografia e videoinstalação.

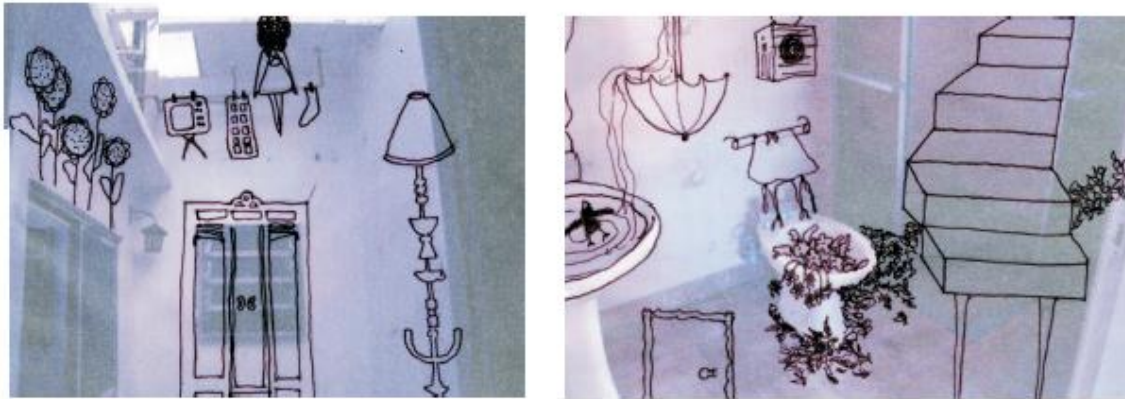
Ao início da pesquisa, a intenção era de transformar “quimicamente” o texto em imagem, numa viagem somente de ida, num caminho oposto ao traçado por Hélio Oiticica quando anuncia a adoção de uma poética literária, ao passar a expressar-se também por meio da poesia (COELHO, 2010). Nesta abertura, os textos começam a aparecer em seus trabalhos com bastante frequência. Algo similar acontece nas instalações de Carmela Cross, nas quais ela passa a “escrever” palavras utilizando lâmpadas *neón*.

Tinha-se a intenção de colocar em prática o ato de “ler levantando a cabeça”. Ao lermos levantando a cabeça, quebramos qualquer possibilidade de reverência a verdades objetivas ou subjetivas de leitura (BARTHES, 2004). Este termo apresenta o instante em que o leitor se desliga do texto que está lendo e, a partir dele, navega em outras direções. Os trabalhos analisados aqui foram criados na tentativa de dar forma a estas ideias e possibilidades e direções que os textos me levaram nos momentos em que me encontrei com a cabeça levantada diante deles. Uma das preocupações neste processo era de que as propostas imagéticas a serem desenvolvidas não se comportassem somente enquanto complemento dos textos, mas que, conceitualmente, possuíssem vida própria no campo das artes visuais.

2. METODOLOGIA

Parecendo comportar-se, esta pesquisa, a meu ver, como o ato de navegação, para dar-lhe início parti de um livro que, no momento, representava a ideia de ser e sentir-se estrangeiro da melhor maneira: “Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.” (CALVINO, 2001).

Inspirada pelas cidades invisíveis criadas por Ítalo Calvino, neste primeiro trabalho, por cima de fotografias inventariadas de alguns cômodos de casas e apartamentos à época disponíveis para locação, encontradas em websites de imobiliárias, foram realizados desenhos de forma a sugerir outros tipos de ocupações mais lúdicas, povoando espaços sem vida com móveis, personagens, fauna e flora, a fim de “desqualificar todo e qualquer esforço humano de representação racional do mundo” (MACIEL, 2004).



Apartamento 603, da série “espelhos em negativo”: desenho sobre fotografia

O trabalho foi intitulado “espelhos em negativo”, a fim de costurá-lo ao trecho do livro que lhe deu origem, ainda que num fio condutor invisível. Pude perceber, nesta ação, a minha dificuldade em abrir mão da palavra, e cheguei a pensar numa possível exposição dos trabalhos ao lado do trecho escrito, mas aos poucos pude também compreender a forçada poética do trabalho em si, que também discutia questões relativas ao espaço público e privado, questionava os preços cada dia mais abusivos dos aluguéis da cidade de Pelotas, o que contribui para que o sonho da casa própria seja, para muitos, ainda impossível, citando apenas algumas possibilidades interpretativas que poderiam anular-se caso o texto estivesse presente.

No trabalho seguinte, o caminho trilhado até então, de negar ao trabalho artístico a palavra em seu estado natural, começa a se inverter, abrindo uma via de volta, permitindo outras possibilidades de seu uso em minha produção no campo das artes visuais.

A partir do poema “lágrima de oro”, que compõe o livro “clarissidades”, escrito e publicado por mim, independentemente, em 2013, e também inspirado no conto “Margaridas enlatadas” de Caio Fernando Abreu, a proposta inicial era de criar um trabalho a fim de debochar do sistema contemporâneo fabricante de necessidades, no qual as coisas existentes precisam possuir alguma finalidade, no qual até mesmo as pessoas são entendidas como peças de funcionamento, o que faz com que seja comum, numa conversa inicial entre dois estranhos, nos confrontarmos com a seguinte pergunta “o que fazes da vida?”.

Com título também de “lágrima de oro”, criei uma videoinstalação que continha, dispostos numa mesa, produtos à venda (lágrima natural engarrafada), acompanhados de vídeo promocional, através do qual o “consumidor” poderia acompanhar o processo de produção, a fim de atestar sua qualidade. O vídeo foi intitulado “processo de extração da matéria-prima através de dispositivo caseiro”, e para completar a proposta foi criado também um panfleto promocional, que devia servir para informar ao público/cliente sobre todas as etapas de produção das lágrimas engarrafadas, com e sem gás, mas ao invés disso, contém um conjunto de textos e poemas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Numa declaração, Hélio Oiticica afirma não ser poeta, mas que uma imperiosa necessidade o leva a expressão verbal.

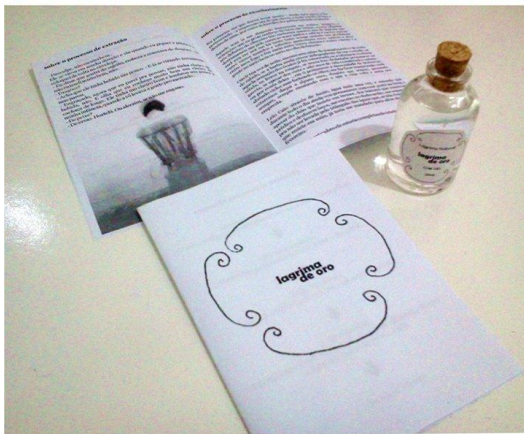
(...) me expressarei em sentido verbal, poeticamente. O verdadeiro lírico é imediato, isto é, o imediato que se torna eterno na expressão poética lírica, exatamente o polo oposto da minha obra plástica, toda orientada para uma expressão que exclui o passageiro, os acidentes mesquinhos, apesar de os abraçar.

(COELHO, 2010, p. 104)

Já aqui, após a análise de algumas produções de artistas contemporâneos que optaram por utilizar a palavra também enquanto signo visual, a fim de utilizarem-na na construção plástica, pude perceber a força existente na palavra enquanto elemento construtivo de um trabalho, principalmente por aproximar mais o público da obra, já que o texto, a palavra, a narrativa verbal nos são mais íntimos.

É interessante constatar, em “lagrima de oro”, de que forma acontece esta volta ao ponto de partida, este retorno à palavra: partindo de um conto e de um poema, produzi um trabalho em videoinstalação que, por sua vez, sugeriu a criação de outro texto, desta vez parte integrante da obra artística.

Após a exibição da videoinstalação, na qual o público tinha a possibilidade de levar uma parte do trabalho consigo, através do panfleto, e concomitante às discussões desenvolvidas através do Grupo de pesquisa [Lugares-livro]: dimensões poéticas e materiais, decidi por transformar a videoinstalação num múltiplo, com tiragem, inicialmente, de 30 exemplares. O múltiplo deveria reunir objeto artístico, texto e vídeo. Para isso, estou desenvolvendo um “QR code”¹ a fim de permitir o direcionamento desde o objeto ao link do vídeo na plataforma online.



Múltiplo “lagrima de oro”



Montagem da videoinstalação lagrima de oro

4. CONCLUSÕES

Após experimentar os limites (ou neste caso deslimites) destas relações entre literatura e artes visuais, percebo o múltiplo, especialmente aquele que contém algum tipo de palavra ou texto escrito, enquanto potencializador de uma maior aproximação entre o público, o trabalho artístico e o artista, pela

¹ QR code, ou código QR, é um novo tipo de código de barras bidimensional. O termo QR deriva de Quick Response, que em inglês significa resposta rápida. Muito utilizado pela publicidade, uma de suas características é a capacidade de direcionar o público, através de um aplicativo para celular, do código a uma página na internet.

necessidade de uma leitura mais intimista, por requisitar uma dilatação do tempo de experiência com o trabalho, pela abertura para outros espaços quando "levantamos a cabeça" e, para além de todas essas questões, pelo alargamento do acesso à arte em tempos nos quais há cada dia mais galerias e espaços expositivos e poucas pessoas fora do âmbito artístico perambulando por eles.

Parece-me importante voltar os olhos com mais atenção para este tipo de produção, que tem como característica também a disseminação da obra de arte, tornando-a acessível a um público mais vasto (ROCHA, 2011). Após idas e vindas entre literatura e artes visuais, percebo também o múltiplo enquanto ponto de encontro, no qual estas linguagens têm a possibilidade de se reinventar enquanto linguagem-ferramenta para que o artista, por sua vez, também possa reinventar o mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, R. **O grau zero da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BELLUZZO, Ana Maria. **Carmela Gross**. São Paulo: Cosac Naify, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

COELHO, Frederico. **Livro ou livro-me: Os escritos babilônicos de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2010.

DIAS, Antonio; PALMEIRA, Mariana. **Múltiplos**. Rio de Janeiro: Mercedes Viegas Arte Contemporânea, 2002.

MACIEL, Maria Esther. **A memória das coisas: Ensaio de literatura, cinema e artes plásticas**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.

ROCHA, Michel Zózimo da. **Estratégias expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes**. Porto Alegre : M. Z. da Rocha, 2011